

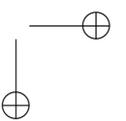
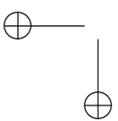
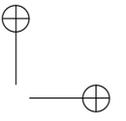
O BODE EXPIATÓRIO E DEUS



René GIRARD

Tradutor:
Márcio Meruje

www.lusosofia.net





LUSOSOFIA:PRESS

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *O Bode Expiatório e Deus*

Autor: René Girard

Tradutor: Márcio Meruje

Colecção: Textos Clássicos de Filosofia

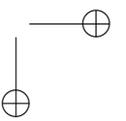
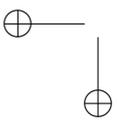
Direcção: José M. S. Rosa & Artur Morão

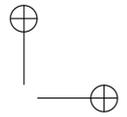
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2009





O Bode Expiatório e Deus*

René Girard

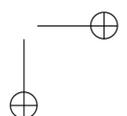
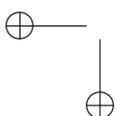
“Deus é uma invenção?” é uma pergunta a que respondo de imediato: “Não”.

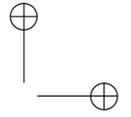
Entre as diversas concepções de Deus nas sociedades arcaicas, por mais numerosas que elas sejam, existem demasiadas semelhanças para que a hipótese de uma “invenção” possa ter a menor hipótese de ser verdadeira.

Deus é, primeiro, a personalização do que se chama o sagrado. E o sagrado é uma experiência da violência de tal modo repentina, temível e constrangedora no interior das comunidades que os homens acreditam e reconhecem nela um poder que os ultrapassa, um poder literalmente transcendente, perante têm demasiado medo para que possa desobedecer-lhe, *a fortiori* para negar a sua existência.

Deus é esta experiência personalizada, repito-o. Os deuses arcaicos não são o verdadeiro Deus, evidentemente; esses deuses também não são invenções gratuitas, mas interpretações inexatas, ainda que necessárias, de violências sociais, interpretações sem as quais, na minha opinião, nunca teria havido humanidade. São elas, com efeito, que durante muito tempo mantiveram em respeito a violência que nos ameaça, a violência que nós próprios produzimos. Destas interpretações de Deus, creio eu, podemos dizer legitimamente que são inseparáveis do verdadeiro Deus, do Deus que não

*In GIRARD, R., GOUNELLE, A., HOUZIAUX, A., *Dieu, une invention?*, Les Editions de L'Atelier, Paris, 2007, pp. 55-76

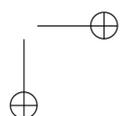
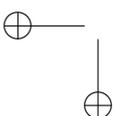


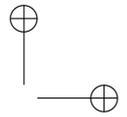


é de qualquer modo inventado, mas tremendamente real e que, perante os meus olhos, é o Deus judaico e cristão. Vou tentar explicar o meu pensamento.

Para detrás das constantes da presença de deus que a antropologia observa, têm de existir obrigações de ordem social. O maior sociólogo francês, Émile Durkheim, disse “*O social e o religioso é a mesma coisa*”. Esta frase é frequentemente muito mal interpretada: os crentes, no âmbito francês, tendem a ver em Durkheim um ateu que reduziu a religião ao social, enquanto os anglo-saxónicos, curiosamente, o consideram uma espécie de místico que reduziu a sociedade ao religioso. Na realidade, penso que nem uma nem outra destas visões é verdadeira. Para compreender o religioso, se se é moderno e se se acredita na ciência – e, em certa medida, é preciso crer nela; de resto, tento tornar o meu trabalho científico – é preciso admitir que o religioso começa com a própria Humanidade. Penso até que, em certa maneira, a Humanidade é a filha do religioso: não existiria sem ele.

O Homem evolui num meio social que lhe impõe constrangimentos particulares que não estão presentes ao nível animal, mesmo se para os animais, na actualidade, falamos de “sociedades”. Análiso estes constrangimentos a partir da noção de “mimetismo” que os gregos denominam *mimesis* e que dava razão a Aristóteles ao dizer que o Homem é o animal mais mimético de todos. Isto quer dizer que se os animais são miméticos, os homens são-no ainda mais. A imitação deve conceber-se não apenas ao nível das maneiras de falar e de se comportar, mas também ao nível do desejo. Os homens imitam os desejos uns dos outros e, por esta razão, estão inclinados para o que eu apelido de rivalidade mimética, processo que existe entre parceiros sociais e que tende a agravar-se constantemente pelo facto de a imitação ricocheteia entre os dois parceiros. Quanto mais eu desejo este objecto que tu já desejas, mais ele se te apresentará desejável e, em contrapartida, mais ele me parecerá desejável para mim. Assim sabemos que todas as riva-



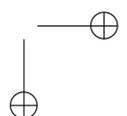
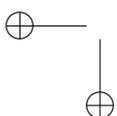


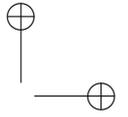
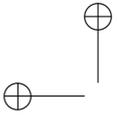
lidades têm tendência a exacerbar-se. Nos animais, as rivalidades manifestam-se nos combates, em particular nos combates pelas fêmeas. Contudo, tais combates não são mortais. O mimetismo não é tão poderoso que não páre antes da morte de um dos combatentes. O combatente mais fraco submete-se ao seu vencedor, o qual se abstém de o matar. Há muito poucas mortes intra-específicas entre as espécies animais, mesmo as mais miméticas. No homem é diferente, pois sabemos que o combate mimético pode tornar-se infinito e chegar a esta primeira invenção humana: a vingança.

Vingar-se é devolver ao adversário a violência que ele já nos prodigalizou. É, portanto, o assassinato. A vingança transcende os indivíduos uma vez que os parentes, os familiares a retomam. De certo modo, a vingança transcende o tempo e o espaço o que já lhe dá, de alguma maneira, qualquer coisa de religioso.

Se, nas sociedades, a vingança fosse tolerada, é bem evidente que a espécie humana se destruiria rapidamente. Na nossa época, os instrumentos da vingança tornaram-se extremamente poderosos e a destruição da vida no planeta tornou-se possível. Quer queiramos quer não, estamos hoje numa situação propriamente apocalíptica, no sentido da revelação violenta da violência humana. A violência do homem é revelada pelo que se passa hoje, e, uma vez que transcende as possibilidades humanas, coloca ao mesmo tempo a espécie em perigo. Sabemos agora que a nossa espécie é mais antiga do que pensámos no passado, mesmo se ainda é muito recente em comparação com a duração cosmológica.

Se a humanidade se perpetua é porque um qualquer procedimento é interrompeu a vingança, impedindo os homens de se matarem uns aos outros. Então, coloca-se a questão: “O que impediu os homens de se massacrarem completamente, uma vez que a vingança é infinita?”. Esta vingança sem fim é uma contradição viva pois é proibida em toda a parte devido a poder destruir a sociedade, e a vingança é um esforço para pôr fim à vingança. É de resto por





esta razão que, muitas vezes, as medidas sociais contra vingança não funcionam.

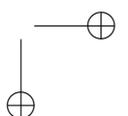
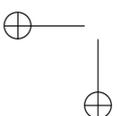
Quando as sociedades estão em crise, isto é, quando toda as pessoas desejam a mesma coisa e procuram obtê-la pela força, estamos perante o que chamo uma crise mimética, extremamente violenta, porque cada um entra nessa violência. Sabemos que uma sociedade pode-se desorganizar ao ponto de entrar numa crise que ameace a sua sobrevivência futura.

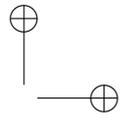
Se observamos os mitos, constatamos que a maior parte deles começa por uma tal crise. Por exemplo, a peste do mito edipiano é uma imagem desta violência propagada por toda a parte. Algumas vezes é uma crise social, outras, uma crise natural, ou que aparenta ser natural mas que, na realidade, dissimula o que referi: a crise do desejo mimético. Quando dois indivíduos desejam a mesma coisa, junta-se-lhes um terceiro; e quando existirem três, logo haverá um quarto, e a partir deste momento, adivinhamo-lo, as sociedades primitivas têm tendência para se mobilizar todas em lutas insensatas. São então ameaçadas pela destruição total.

Em todas as épocas arcaicas, inumeráveis sociedades acabaram destruídas por não terem encontrado a solução para este problema. Mas existe uma solução natural para este problema? Penso que sim.

Chega um momento em que a rivalidade se torna tão forte que todos os objectos do debate são destruídos. Quando os homens disputam a posse de um objecto, jamais se podem entender; Vão continuar a lutar até que o combate se decida. Mas, no decorrer da batalha, tal objecto será frequentemente destruído e, a partir desse momento, o antagonismo torna-se-á “puro”: será sempre mais forte, mas o mimetismo incidirá doravante já não sobre o objecto, mas sobre os próprios antagonistas.

Uma reconciliação paradoxal torna-se possível: se todos os homens que desejam a mesma coisa nunca se entendem, já os que odeiam em conjunto o mesmo adversário entendem-se muito facil-



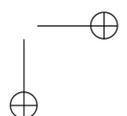
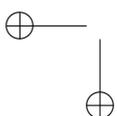


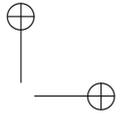
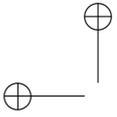
mente. De certo modo, este entendimento é aquilo a que chamamos a política! É por isso que eu chamo ao mecanismo da vítima unitária, o mecanismo do bode expiatório.

Quando os indivíduos são contaminados pelo contágio do adversário, isto é, quando esquecem o seu próprio adversário para adoptar o adversário do seu vizinho, que parece mais interessante como adversário, chegará um momento em que toda a comunidade estará do mesmo lado contra um único indivíduo, do qual, no fim de contas, não se sabe porque foi escolhido. Se estudarmos os mitos, o de Édipo, por exemplo, vemos que esta passagem se produz no exacto momento em que se crê descobrir o culpado da crise: Édipo. Mas este, entre outras coisas, é um “defeituoso”, um homem diferente dos outros. Não se sabe de onde vêm os seus pais, a sua família, etc..

Finalmente, o herói mítico é uma vítima unânime: ele será morto por todos. Todos estão contra ele, todos transferiram a violência – e utilizo a palavra *transfert* com conhecimento de causa – ao ponto de toda a sociedade, em conjunto, mata este indivíduo. Tal fenómeno existe e tem um nome, é o chamado linchamento unânime. Nos grandes textos sagrados, incluindo, aliás, os textos bíblicos, vemos que o linchamento joga um papel extraordinário: nos mitos, na Bíblia, e finalmente nos próprios Evangelhos, de uma forma dificilmente atenuada. Por outras palavras: o assassinio colectivo desempenha em todos os textos religiosos um papel de tal importância que suscita uma explicação, e tal explicação é o mimetismo e não a culpabilidade real da vítima.

O linchamento, pela sua unanimidade, reconcilia a comunidade, e a personagem que foi linchada passa por ser muito má pois causou a violência na comunidade. Pode ter causado um parricídio e um incesto, segundo a tese edipiana, muito frequente nos mitos, contrariamente ao que imaginou Freud, mas parece muito bom a partir do momento em que a sua morte reconcilia a comunidade.





Torna-se então o deus arcaico, ao mesmo tempo muito bom e muito mau.

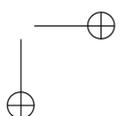
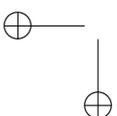
Como já foi dito, por detrás do deus existe alguma coisa de real, um mecanismo que chamo o do bode expiatório. Pensamos muitas vezes que as pessoas que têm um bode expiatório deveriam sabê-lo. Mas ter um bode expiatório, precisamente, é não saber que se o tem, é tomar tal vítima por um verdadeiro culpado.

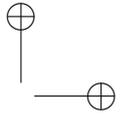
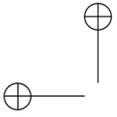
Portanto, nas sociedades arcaicas, o deus é sempre culpado e extremamente maldoso, muito perigoso, mas que de tempos em tempos, se transforma num salvador, decide salvar-nos, não sabemos bem porquê. Vamos então prestar-lhe culto para tentar torná-lo favorável.

O sacrifício, que do meu ponto de vista é a primeira instituição humana, consiste, para uma comunidade que tem experienciado este fenómeno e se tem reconciliado, procurar a repetição da morte de uma vítima, como da primeira vez em que essa vítima que juntos matámos, em nome da comunidade, nos salvou. Se recommencarmos, talvez sejamos salvos novamente. Eis porque penso que o sacrifício é eficaz: ele é o sucedâneo do fenómeno do bode expiatório. Todavia, pouco a pouco perde a sua eficácia, mas as sociedades arcaicas operam com ele.

Encontramos exactamente o mesmo processo no cristianismo. Uma comunidade inteira é os sacerdotes do Sinédrio, Pilatos e mesmo Herodes, em São Lucas é quer a vítima morra, nem que fosse apenas para desfrutar do espectáculo da sua morte. Assim, nos Evangelhos, vemos a reformulação do linchamento, e é a vítima desse linchamento que é divinizada. Eis, por outro lado, a razão por que os antropólogos da “*grande époque*”, que eram todos anti-cristãos, puderam dizer que os mitos e o cristianismo eram semelhantes e que o erro dos cristãos é o de tomarem mais um mito pela verdade. Este religiocentrismo é uma forma de etnocentrismo.

É muito perturbador. De tal modo perturbador que o cristianismo nunca o aceitou; não compreendeu que teria podido aceitar





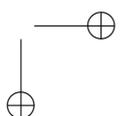
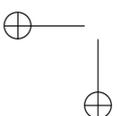
tal verdade, e que esteve quase a compreender a infinita superioridade do bíblico e do cristão a partir do momento em que se via, nos dois casos, os mecanismos enganadores do bode expiatório em acção.

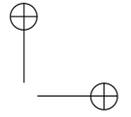
O que as pessoas não vêem, e que, todavia, é de uma simplicidade desconcertante, é a importante diferença que existe entre os mitos e os evangelhos: nos mitos, a vítima é de facto culpável, enquanto na Bíblia, e sobretudo no cristianismo, a mesma vítima é inocente. Deste modo, os textos evangélicos dizem-nos a verdade e [revelam-nos] o funcionamento do mecanismo, em vez de nos darem uma mentira.

É a coisa mais simples que existe e, contudo, a mais difícil de compreender na minha tese. Se a compreendermos verdadeiramente, entenderemos que a Bíblia e o cristianismo possuem uma dimensão de verdade que nenhuma outra religião pode ter, porque ambos retomam o mesmo fenómeno, e, em vez de irem até ao fim da mentira, contradizem-na e revelam-lhe a verdade.

Graças à Paixão, Cristo quer que os homens reconheçam o seu papel de fazedores de vítimas, de perseguidores. É porque proclama as regras do reino e renuncia totalmente à violência sacrificial, que o próprio Cristo é sacrificado.

O que importa compreender então, é esta absoluta inversão do sacrifício que faz de Cristo uma pessoa absolutamente única. E, por outro lado, a Paixão é envolta em fórmulas que nos dizem exactamente isto: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular”. O que é que isto quer dizer? Cristo pergunta-o aos seus ouvintes e não há um único que responda. Poderíamos crer que os teólogos medievais e os modernos retomaram a questão colocada por Cristo para lhe tentar responder. Mas alguma vez viram um teólogo interessar-se por esta questão posta pelo próprio Cristo? Nunca! O teólogo interessa-se pela filosofia grega e por todas as espécies de coisas estranhas aos Evangelhos, mas nunca pela questão posta por Cristo.



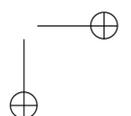
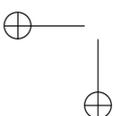


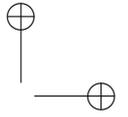
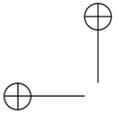
“É melhor que um só homem morra e que o povo seja salvo”. Será que isto quer dizer que Cristo é o bode expiatório? Com certeza: ele próprio aceita tornar-se [bode expiatório] e mostrar-nos o que todos nós fazemos. Olhai, por exemplo, como nós nos tratamos entre nações. Isto impressiona-me muito porque, quando volto dos Estados Unidos, encontro exactamente a mesma coisa: os culpados são os americanos em vez dos franceses. É sempre igual dos dois lados e raros são aqueles que compreendem esta igualdade na responsabilidade e na culpabilidade.

Tentei até agora explicar-vos, de modo muito sumário e desajeitadamente, porque é que penso que os deuses arcaicos, mesmo que não sejam reais, não são de modo nenhum inventados. Eles são a interpretação deficiente, mas inevitável, da nossa própria violência, durante muito tempo indispensável à humanidade, pois permitiu que os indivíduos e as comunidades coexistissem com essa violência que não cessamos de produzir e de reprimir. O fenómeno do bode expiatório unânime põe fim às crises violentas das sociedades arcaicas e estabelece a ordem “sacrificial” destas sociedades, a ordem que consiste em repetir o fenómeno catártico dos sacrifícios rituais.

O cristianismo, e a Bíblia antes dele, são ao mesmo tempo muito semelhantes e muito diferentes. A Paixão é um fenómeno de bode expiatório quase unânime, mas os Evangelhos, em vez de se deixarem intrujar por esta mentira, tal como o fazem os mitos e as religiões arcaicas, denunciam na crucificação o que é, na realidade, ela é: uma odiosa injustiça que a partir de agora os homens devem evitar, pois jamais será **payante**.

A crise do mundo moderno vem da nossa recusa desta mensagem; recusamos compreendê-la e, sobretudo, segui-la. Somos, pois, cada vez mais ameaçados pela nossa própria violência e não fazemos nada de razoável ou de eficaz para escutar a mensagem bíblica e evangélica e, sobretudo, para nos adequarmos com ela. Esta mensagem excede-nos tão infinitamente que deveríamos reconhe-





cer nela a palavra do verdadeiro Deus que nos ensina a renúncia a toda a violência.

* * *

Alain Houziaux

O seu discurso é extremamente desconcertante para um teólogo como eu, pois tanto apresenta Deus como uma personagem, como faz dele um qualificativo que outorga às diversas funções de alguns seres, como Jesus Cristo.

Réne Girard

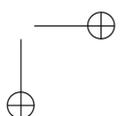
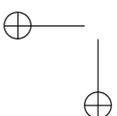
Sim, a teologia actualmente recusa levar Deus a sério. Mas não será este medo ridículo?

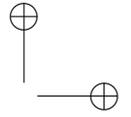
Alain Houziaux

Ah sim? De qualquer maneira elas são muito significativas... Assim, para si, Deus intervém como uma personagem no jogo social, no funcionamento o Senhor descreve de uma maneira bastante convincente. Mas Deus existe independentemente dos homens?

René Girard

Certamente, mas, claro, para intervir na situação a que me refiro, é necessário que se torne num homem a fim de se expor aos meus perigos que os homens e reagir de maneira diferente. Quer





dizer que ele não reage nem de maneira defensiva, nem usa a violência que todos nós utilizamos, uma vez que nós não somos crucificados.

Há aqui uma relação directa com a pregação do Reino de Deus, hoje, quer dizer, com a ausência de quaisquer represálias que faz com que Jesus não jogue o jogo da cultura, um jogo defensivo e ofensivo num sistema em que a violência é rainha.

Alain Houziaux

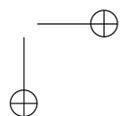
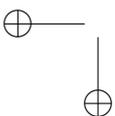
Diríeis que Cristo é Deus?

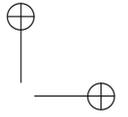
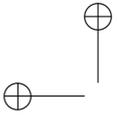
René Girard

Evidentemente. Mas existem etapas intermediárias entre o que eu disse e essa conclusão. Não existe outro Deus senão em Cristo. Os outros deuses são deuses falsos, assentes sobre esse mecanismo não resolvido e não cumprido.

O que eu digo é que existe uma via de acesso, nas reflexões antropológicas profundas, para mostrar que o cristianismo nos traz uma visão absolutamente diferente da nossa, e que nos conduz a uma certa noção do divino que corresponde perfeitamente aquela que os Evangelhos descrevem. Não tenho, pois, nenhuma querela com a teologia. O que há de milagroso na teologia é que ela diz muitas coisas verdadeiras a partir de raciocínios que, de certa maneira, são falsos, a partir de um tipo de pensamento frequentemente incompreensível, sem olhar os textos da forma mais simples, nem ver que existe no cristianismo uma singularidade absoluta, de que ninguém se apercebe porque é demasiado fácil de ver.

Alain Houziaux





A singularidade do cristianismo assentaria, pois, no seu carácter verdadeiro e portanto divino. André Gounelle, o Senhor pensa que Deus existe independentemente dos homens?

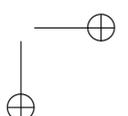
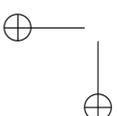
André Gounelle

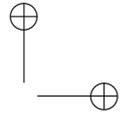
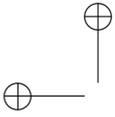
Não retomarei, neste contexto, a palavra *existir*, mas antes, com o risco de que René Girard me diga que faço filosofia grega, empregarei antes a palavra *ser*. Existir quer dizer situar-se (*sistere*) fora de si (*ex*). Existimos sempre em função de uma exterioridade e de uma alteridade, quando ela “é” em si. Deus é independente dos homens, ele não existe independentemente de nós.

Depois de ter lido René Girard e mais agora ainda, depois de o ter escutado, tenho desejo de lhe pôr uma pergunta: na sua perspectiva, podemos nós, nós humanos, pensar ou perceber alguma coisa de Deus fora da humanidade? Eu sei bem que é antropólogo e que, a este título, investiga e tenta perceber o rasto de Deus no homem e na sociedade humana. Recoloco pois a questão de maneira diferente: considera a sua abordagem exclusiva e englobante?

René Girard

As minhas próprias tendências pessoais empurram-me para o tipo de raciocínio que sustentei esta noite. Restam-me algumas raciocínios análogos. . . A partir deles, os aspectos directamente transcendententes da metafísica e da teologia tornam-se-me ou pouco mais acessíveis. Mas, ao mesmo tempo, tenho a impressão de não ser dotado para tal. Isto não quer dizer que outros não o sejam ou que a sua postura não é legítima. Mas o que eu constato, é que vivemos num mundo onde, precisamente, a velha metafísica e a teologia não têm qualquer acção sobre os homens. E tenho a impressão de que uma abordagem antropológica é preferível na medida em que é compreensível.





Para falar num plano científico, e creio que a ciência é muito importante na nossa época, o que se passou nestes últimos tempos foi que todas as ciências se historicizaram. As ciências, que eram completamente imóveis e estáticas, como a astronomia, são doravante astrofísicas... de certa maneira, quero dizer a mesma coisa: entre o mundo arcaico, onde se faz religião do bode expiatório, e o mundo judaico-cristão existe uma ascensão histórica, de que, aliás, os Evangelhos e Paulo, dão conta pois dizem-nos que é tempo de passar de um alimento para bebês para algo mais forte e mais difícil. É um tema constante em Paulo: que o valor educativo do religioso é chegar a um mundo em que esta comida de maior substância se tornou necessária e, de certa maneira, inevitável.

Alain Houziaux

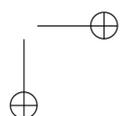
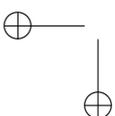
André Gounelle, para si, uma boa religião é uma religião educativa ou antes uma religião que conduz ao bem, ou ainda uma religião que ensina a verdade? Qual seria o verdadeiro critério de uma religião autenticamente divina?

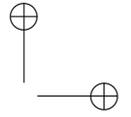
André Gounelle

Cada uma das palavras da sua questão exigiria longas definições! Penso, com efeito, que uma religião se avalia pela sua capacidade de melhorar a sorte do homem, de melhorar a sociedade e de conduzir ao bem.

Dou razão ao Senhor Girard num ponto: penso, tal como ele, que a teologia clássica utiliza categorias e fórmulas de outra época. Foram pertinentes no seu tempo, mas hoje já não funcionam mais e já não nos dizem nada.

Em alguns aspectos, o itinerário do Senhor Girard evoca para mim o que vemos despontar em Blaise Pascal. Ele pretende chegar a Deus não através de provas ontológicas, cosmológicas ou meta-



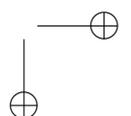
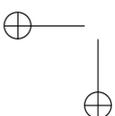


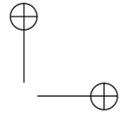
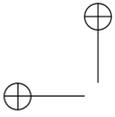
físicas, mas a partir do funcionamento do ser humano e, em particular, da dualidade entre a sua miséria e a sua grandeza. Esta argumentação apologética, no séc. XVII, era extraordinariamente nova: conseguiu renovar a problemática, embora isso possa parecer chocante para alguns, tal como poderão ser chocantes as vossas teses, mas isso foi fecundo.

Se existe uma semelhança na abordagem, não existe parentesco na análise da realidade humana: Pascal não me parece insistir, tal como o Senhor faz, na crise mimética. Não contesto em absoluto a pertinência das suas análises que fizeram aparecer algo que nunca tínhamos visto antes. Mas a crise mimética será, a seus olhos, a chave única, ou uma chave privilegiada, para compreender as sociedades humanas, a religião e Deus, ou antes considera que é apenas uma chave entre outras? Por outras palavras: acredita que o raciocínio de Pascal, análogo ao seu no movimento, mas com um conteúdo diferente, pois funda-se nas contradições e contrariedades íntimas do ser humano – grandeza/miséria – tem sempre pertinência ou o seu argumento substitui-no?

René Girard

A crise mimética está presente, de certo maneira, em Pascal, mas de uma forma mutilada pelo facto de Pascal nunca ter vivido uma certa experiência. Se tomarmos a França do séc. XVI e do séc. XVII é muito impressionante constatar que, em relação à Inglaterra, os dois grandes escritores que se correspondem de certa maneira são Montaigne e Pascal. E ambos tinham uma experiência diminuta no campo das rivalidades miméticas. Porque para ambos, e por razões muito diferentes, a sexualidade, por exemplo, não desempenhou qualquer papel. Pascal, como sabemos, tornou-se uma espécie de santo – e esteve doente ao ponto de se tornar inválido – e Montaigne também, pela razão inversa, porque, se era um pouco menos “pequeno aristocrata” do que se diz, era contudo um pri-





vilegiado que deveria “honrar” todas as mulheres da vizinhança sem nunca ter de entrar numa relação de rivalidade. É, pois, muito impressionante notar que estes dois escritores são limitados no domínio da rivalidade que Shakespeare ou Cervantes, que têm ambos uma experiência de homens mais completos. Contudo, na análise de Pascal sobre o *divertissement* existem aspectos muito fortes de crise mimética.

Alain Houziaux

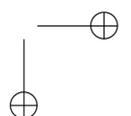
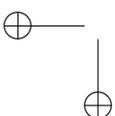
Para retomar a noção de sacrifício, parece-lhe ser algo de especificamente religioso ou antes terá também uma existência profana e, poder-se-ia dizer, laica?

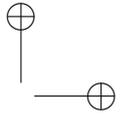
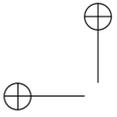
René Girard

O sacrifício é o intermediário entre a religião e todas as culturas, que são sacrificiais num certo plano. Basta vermos instituições que estão ligadas a formas de hierarquia, exigem formas de disciplinas ou deixam de funcionar: estes são sempre derivados do sacrifício. Tentei mostrar como é que o sacrifício se transformou em justiça. Quando se sacrificou uma vítima qualquer, muitas vezes de preferência um inocente, decide-se sacrificar “o” culpado, e só uma instituição muito forte pode fazer isto, porque as instituições arcaicas têm medo de sacrificar o culpado; é um convite à vingança. Pelo contrário, o sacrifício dirige-se para o assassínio de indivíduos que não têm qualquer relação directa com a situação considerada, o que, a nossos olhos, é muito mais injusto.

André Gounelle

No cristianismo, a eliminação do sacrifício, ou antes, a inversão que faz com que não seja o culpado quem é sacrificado, ou que



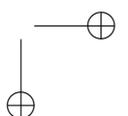
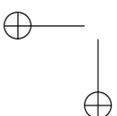


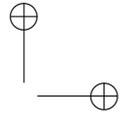
este já não seja declarado culpado, tem, na sua opinião, um papel essencial e constitui de qualquer forma a especificidade do cristianismo. Interrogo-me sobre tal especificidade. Não é uma crítica, e não sei verdadeiramente a resposta a esta pergunta: o Senhor fala de cristianismo e de religiões arcaicas. Ora, o mundo religioso é mais vasto. Não encontramos um igual desaparecimento do sacrifício em outras religiões – penso no budismo, mas também um pouco no islão?

René Girard

Existe uma ligeira tendência nas outras religiões para o desaparecimento do sacrifício, mas só no cristianismo este é completamente eliminado. Não nos damos conta da extraordinária revolução que isto representa. O sacrifício é, de modo universal em quase todas as sociedades, um meio de pacificação amado, querido, em particular no campo budista. Se for ao Sri Lanka, por exemplo, vai dar-se conta disto.

Quando se diz que o cristianismo é sacrificial, é bem verdade. Para ver o problema do sacrifício no seu nível mais nítido é preciso ir a esse texto extraordinário que é o julgamento de Salomão, no Primeiro livro dos Reis. Tendes aí duas prostitutas, e as duas querem a criança viva. Podem talvez ter trocado a criança durante a noite. Salomão escuta-as, Salomão repete as suas palavras, que são exactamente as mesmas de um e de outra: “A criança viva é minha, a criança morta é dela.” Salomão disse “Que me tragam uma espada, vou cortar a criança em duas.” E a má mãe, isto é, a sacrificial, considera que está muito bem assim, uma vez que a sua rival também já não terá a criança. A boa mãe, ao contrário, abandona a criança à sua rival para que viva. E Salomão reconhece nela a verdadeira mãe. A frase de Salomão é válida mesmo que estas mulheres tenham trocado a criança durante toda a noite, e se nem uma nem outra sabia de quem era a criança viva. A verdadeira mãe





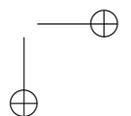
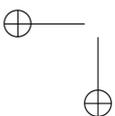
é aquela que é capaz de deixar a criança longe de si para que viva. É um texto prodigioso que é, também, uma metáfora da educação cristã, comparada a uma educação egoísta.

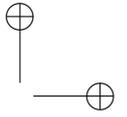
Alain Houziaux

Opomos muitas vezes o Deus do Antigo Testamento ao Deus do Novo Testamento. Acontece que se considera o Deus do Antigo Testamento como uma invenção da vontade de violência, uma legitimação da agressividade do povo de Israel para conquistar a sua terra. Deste ponto de vista, haveria uma diferença fundamental entre o Deus do Antigo Testamento e o Deus do Novo Testamento. Que me diz este propósito?

André Gounelle

Tornou-se-me impossível (e não sou o único neste ponto) falar do Deus do Antigo Testamento (e talvez mesmo também do Deus do Novo Testamento) de maneira unívoca e no singular. O Antigo Testamento compreende um conjunto de escritos redigidos por seres humanos que exprimem a sua experiência espiritual, por outras palavras, a sua maneira de compreender e de viver Deus. Não existe “uma” concepção de Deus ou “uma” imagem de Deus no Antigo Testamento, existem várias e, mesmo se se trata do mesmo Deus, essas concepções estão em conflito. É verdade que existe no Antigo Testamento a compreensão arcaica de Deus, mas encontramos igualmente aí outras concepções de Deus. O conflito não se situa entre Israel (falo aqui claramente do antigo Israel) e os outros, mas no seio de Israel, do mesmo modo que há debate no Novo Testamento. Podemos falar massivamente de “Deus do Antigo Testamento em oposição ou em continuidade com o Deus do Novo Testamento”? Existem várias abordagens, várias visões, vários procedimentos no mundo bíblico, no judaísmo, no cristia-





nismo. É a personalidade de Cristo que nos permite ter um critério de discernimento entre eles.

Alain Houziaux

René Girard, pode precisar o que entende por: “Cristo é Deus”?

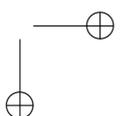
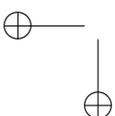
René Girard

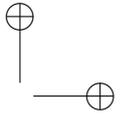
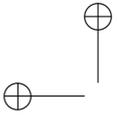
Vemos bem que Cristo tinha um conhecimento do homem que é mais que humano, no sentido quem que nenhuma outra filosofia, qualquer pensamento laico, nenhuma outra religião vira no homem esta violência que ele percebe e que aceita ele próprio sofrer a fim de a revelar aos homens, para revelar aos homens o que eles são, e de modo nenhum para “fazer sacrifícios”.

O que faz a grandeza do Antigo Testamento é que, enquanto os primeiros livros são fundados no sacrifício humano¹, ele anuncia a mudança para a não-violência absoluta que vem apenas de Cristo². É um movimento progressivo: quanto mais se avança no Antigo Testamento, mais avançamos para uma visão profética. O profeta é sempre primeiramente um homem idolatrado pela multidão entusiasmada pela mensagem que ele traz, mas, após algum tempo, quando a multidão se dá conta das consequências temíveis do seu discurso, ela volta-se contra ele. Hoje, toda a nossa sociedade se volta contra Cristo de uma forma admiravelmente simbólica! Em todos os países do mundo, basta ler os textos da imprensa ou virmos a televisão pode constatar a viragem radical do mundo contra Cristo, numa espécie de totalização dos próprios Evangelhos, os

¹ Ver o sacrifício do primogénito que, por outro lado, tem uma relação simbólica com o sacrifício de Cristo, porque a história é ela mesma una.

² Porque a não-violência absoluta será destruída por uma sociedade tão violenta como a nossa.





quais nos mostram já o mesmo movimento na existência de Cristo que vai sempre ao encontro à Paixão.

